James Dunn

"Laços Humanos" (A Tree Grows in Brooklyn), de Elia Kazan — da esquerda para a direita: Lloyd Nolan, Joan Blondell, Ted Donaldson, Dorothy McGuire, James Dunn e Peggy Ann Garner.

Nasceu em Nova York em 2 de novembro de 1905. Morreu no dia 3 de setembro do corrente ano. Era divorciado da atriz Frances Gifford. Ator de teatro e cinema desde muitos anos, destacou-se mais no palco, onde tem seu nome ligado a alguns empreendimentos notáveis do teatro americano. No cinema, apesar de alguns êxitos, inclusive um Oscar, o de melhor coadjuvante (categoria em que quase sempre atuou) em 1945, por **A Tree Grows in Brooklyn/Laços Humanos**, de Elia Kazan, James Dunn não tem muitos títulos. Além do citado, onde teve uma admirável perfomance, são poucos os seus papéis importantes. Entre êles: **Bad Girl**, de Frank Borzage; dois filmes com Shirley Temple, **Stand Up and Cheer** e **Bright Eyes; Hold that Woman**, com Frances Gifford, todos entre 1931 e 1940. Mais recentemente citamos: **Hemingway's Adventures of a Young Man**, de Martin Ritt (1963) e **The Oscar/Confidências de Hollywood**, de Russel Rouse em 1967. (C. F.)

Anton Walbrook

Anton Walbrook e Charles Vanel em "O Caso Maurizius".

O **meneur-de-jeu** de **La Ronde/Conflitos do Amor** aos 65 anos desaparece, deixando a marca de um talento excelente e uma longa carreira dedicada ao cinema e ao teatro. Walbrook, cujo nome verdadeiro era Adolf Wohlbrück, nasceu em Viena a 19 de novembro de 1902. Aos 16 anos obteve uma bôlsa de estudos para a escola de arte dramática dirigida pelo famoso diretor Max Reinhardt e, a partir daí, jamais abandonou a vida artística. Seu primeiro filme importante foi **Walzerkrieg**, onde fazia o papel de Johann Strauss, o compositor. Isto em 1931, quando também fez **Maskerade** e **Die English Heirat**. Ainda no cinema alemão fêz a seguir **Der Student von Prag, Zizeunerbaron** e **Allotia**. Em 1936 foi para Hollywood fazer a versão americana de **Miguel Strogoff**. Na Inglaterra, atuou no palco (**Design for Living** e **Watch on The Rhine**, entre outras peças) e no cinema interpretou **Victoria the Great, The Rat, Sixty Glorious Years, Gaslight** (versão inglêsa, em 1938), **Orders from Tokyo, 49th Parallel, The Life and Death of Colonel Blimp** e **Red Shoes**. Walbrook fêz a seguir, na França, dois de seus maiores sucessos, ambos dirigidos por Max Ophüls, o citado **La Ronde** e **Lola Montès** em 1950 e em 1955, respectivamente. Para o cinema americano AW fêz **Saint Joan**, de Otto Preminger, no papel de Bispo de Beauvais e **I Accuse!**, de José Ferrer, sôbre o caso Dreyfus, entre outros. (J. R.)

Douglas Maclean

Douglas MacLean nasceu em Philadelphia, em 1890. Cursou a Universidade de Chicago e o Instituto de Tecnologia da mesma cidade; estudou arte dramática, entrando para o teatro, para, a seguir, dedicar-se ao cinema. Morreu no dia 9 de julho último. Nos últimos anos de cinema era conhecido como produtor ativo em Hollywood, mas Douglas foi, entretanto, um dos mais populares comediantes de seu tempo, herói de uma série deliciosa de filmes que Thomas H. Ince produziu para a Paramount e que tanto sucesso obteve no velho Avenida, esquina de Assembléia com Rio Branco. Quem poderia jamais esquecer as suas trapalhadas em **Entre o Amor e o Dever** (23 1/2 Hours Leave), **Os Tornozelos de Maria/Mary's Ankles**, ou **Que Estará Fazendo Seu Marido?/What's Your Husband Doing?**, que, como outros mais, fêz ao lado da graciosa e loura Doris May? Eram comédias de cinco ou seis partes com excelentes roteiros, em que o bom humor borbulhava espontâneamente e as situações se desenvolviam em cadeia até o desenlace. Douglas MacLean brilhou intensamente durante as décadas de 10 e 20, chegando ao princípio dos **talkies**, quando fêz alguns filmes, passando-se logo a seguir para o campo de produção, onde operou durante muitos anos em vários estúdios: RKO-Radio, Paramount, Grand National e, finalmente, realizando seu último filme, para a UA, em 1941: **Serenata de Amor/New Wine**. Ao que consta apareceu em cêrca de quarenta e cinco comédias, a partir de 1914. (G. S.)

Lídio Silva

Morreu Lídio Silva, aos 54 anos de idade, no dia 8 de agôsto último. Era um dos atôres brasileiros mais solicitados para encarnar tipos místicos e, de acôrdo com as palavras de Jurema Penna, que o descobriu (para **Barravento**, de Glauber Rocha), "morreu realizado por ter concretizado o seu velho sonho de ser ator. Era marceneiro e, quando foi descoberto (1961), fazia as plaquetas de corte para Leão Rozemberg, naquela época produtor de documentários em Salvador". Além de **Barravento**, Lídio apareceu nos filmes: **Sol Sôbre a Lama, O Caipora, Grito da Terra, Deus e o Diabo na Terra do Sol** (seu melhor papel), **Santo Módico, Senhor dos Navegantes, Onde a Terra Começa.** (C. S.)